



Por uma esperança enfraquecida: um diálogo (im)possível entre Gianni Vattimo e Rubem Alves

Towards a Weak Hope: A(n) (Im)Possible Dialogue Between Gianni Vattimo and Rubem Alves

Danilo Mendes ^[a] 
Juiz de Fora, MG, Brasil
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Felipe de Queiroz Souto ^[b] 
Juiz de Fora, MG, Brasil
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Como citar: MENDES, D.; SOUTO, F. de Q. Por uma esperança enfraquecida: um diálogo (im)possível entre Gianni Vattimo e Rubem Alves. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 17, n. 01, p. 178-190, jan./abr. 2025. DOI: doi.org/10.7213/2175-1838.17.001.A001

Resumo

O tema da esperança é central no cristianismo, bem como na maior parte das religiões mundiais. Entretanto, muitas vezes a esperança é entendida como uma ideia abstrata, extramundana e metafísica. Respondendo a esse problema, o presente artigo traça um diálogo entre Rubem Alves e Gianni Vattimo a fim de propor um conceito de esperança enfraquecida, compreendendo que a esperança não depende da violência da metafísica, mas surge a partir de experiências concretas de corpos oprimidos por lógicas totalitárias de exploração. Para isso, partimos de uma comparação entre a “lógica do dinossauro” e o pensamento enfraquecido, passamos por uma investigação acerca do lugar do cristianismo no pensamento de Alves e Vattimo e, por fim, propomos uma leitura acerca da interpretação do porvir como esperança enfraquecida.

Palavras-chave: Pensamento fraco; Esperança; Filosofia da Religião.

^[a] Doutor e mestre em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora, com pesquisa de pós-doutorado em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba. Bacharel em Filosofia e Teologia, e-mail: danilo.smendes@hotmail.com

^[b] Doutorando em Ciência da Religião na Universidade Federal de Juiz de Fora com financiamento da CAPES, mestre em Ciências da Religião e bacharel em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, e-mail: felipeqsouto@gmail.com

Abstract

The category of hope is central in Christian thought, as well as to most world religions. However, hope is often understood as an abstract, extramundane and metaphysical idea. Responding to this problem, this essay traces a dialogue between Rubem Alves and Gianni Vattimo in order to propose a concept of weakened hope, understanding that hope does not depend on the violence of metaphysics, but arises from concrete experiences of those bodies that are oppressed by totalitarian logics of exploitation. The essay follows this structure: we start from a comparison between the "logic of the dinosaur" and weakened thinking, we go through an investigation about the place of Christianity in the thought of Alves and Vattimo and, finally, we propose a reading about the interpretation of the future as weak hope.

Keywords: *Weak Thought; Hope; Philosophy of Religion.*

“Enquanto não tomarmos a sério os gemidos dos que sofrem, enquanto não tomarmos consciência dos estômagos vazios e não sentirmos que o problema é bem nosso, porque também é de Deus, não haverá solução alguma possível” - Rubem Alves

Introdução

Quantos diálogos impossíveis são os mais necessários que poderíamos imaginar? Atribui-se a Paul Valéry a pergunta sobre o que seria do mundo, da humanidade, de nós, enfim, sem o socorro do que não existe. Aqui, nos atrevemos a questionar: o que seria da academia sem o socorro dos diálogos que nunca existiram fora dela. Perderíamos grande parte da filosofia moderna se Immanuel Kant não tivesse feito dialogar David Hume e René Descartes; ou se Paul Tillich não tivesse se proposto a dialogar o existencialismo heideggeriano com a teologia protestante. O que propomos no presente artigo não é mais do que um diálogo que não existiu, apesar de suas possibilidades: queremos fazer dialogar Rubem Alves e Gianni Vattimo. Como em um colóquio, não o fazemos sem antes propor um tema: o desafio cristão da esperança frente ao mundo contemporâneo. Aqui, as abordagens se complementam, não obstante suas diferenças.

Para tal esforço, iremos abordar neste texto algumas intuições de Alves na obra *A gestação do futuro* e pô-las em diálogo com o pensamento do filósofo italiano, Gianni Vattimo, do qual não iremos eleger um texto específico. Também abordaremos mais ao final algumas intuições da dissertação de mestrado de Alves. Desta maneira, pretende-se ler o texto alvesiano à luz do pensamento enfraquecido de Vattimo e fazer possíveis conexões entre os autores, por isso, nos utilizaremos da hermenêutica como método de análise das fontes para que, além de expormos o pensamento em vigência, também possamos contrastá-lo diante nossa realidade local, situada e, sobretudo, corpórea. Num primeiro momento, espera-se estabelecer uma relação entre a lógica do dinossauro e o *pensiero debole* (que traduzimos aqui por pensamento enfraquecido) para então apresentarmos as variações de uma política para os corpos fracos dos fracos da Terra. Num segundo momento, espera-se conectar algumas ideias alvesianas e vattimianas acerca da política, manifestando algumas intuições. Por fim, proporemos um diálogo entre os autores na formação de um conceito de esperança enfraquecida. Nesta, a novidade não se dá como uma atualização do sistema-mundo que se rege pela “lógica do dinossauro”, mas como a abertura ao novo que nasce de corpos oprimidos por essa lógica.

1) Lógica do dinossauro e pensamento enfraquecido

Já no primeiro capítulo de *A gestação do futuro*, Rubem Alves escreve uma anedota ou, se preferir, uma parábola, acerca da lógica do dinossauro. Em estilo literário num texto que marca seu rompimento com a academia, o teólogo nos conta:

Dos dinossauros só sobraram os ossos. Os animais mais poderosos e maiores a andar sobre a nossa terra desapareceram. Força e tamanho lhes foram inúteis. Se tivéssemos sido seus contemporâneos não teríamos suspeitado que um fim tão abrupto os aguardava. Porque também nós compartilhamos da crença de que os maiores e mais fortes sobreviverão. Mas a verdade é bem diferente. As lagartixas, parentas subdesenvolvidas dos dinossauros, escaparam ilesas e assistiram, solenes, aos funerais dos primos fortes. Sobreviveram não a despeito de serem pequenas e fracas, mas porque são pequenas e fracas. Como refeição bastam-lhe umas poucas moscas e a vida continua. Com os dinossauros as coisas eram diferentes. Bocas enormes, estômagos descomunais, corpos gigantescos: suas refeições se tornaram cada vez mais difíceis. Foram vítimas de uma crise de combustíveis... Desapareceram. Hoje nada mais são que memórias de um experimento que não deu certo (Alves, 1986, p. 25).

Quem poderia imaginar que o maior entre os animais da Terra sucumbiria frente ao desastre planetário? Como podem os mais fortes não ter um plano de salvação para um perigo iminente? A lógica do dinossauro sucumbe à “antilógica” da lagartixa. A sobrevivência da vida está nos que não têm força alguma, a lagartixa vive

porque é fraca e é de sua fraqueza que vêm a força; tal como Paulo de Tarso afirma em sua carta aos Filipenses (2,4): “é na fraqueza que então sou forte”. Ao olhar para a sociedade contemporânea, Alves enxerga nela a metáfora do dinossauro em desenvolvimento. Como na época dos dinossauros, agora também se configura um poder dominante: as estruturas do capitalismo que necessitam cada vez mais de energia e se destacam pelo gigantismo. A derrota é iminente. A escassez de recursos e a exploração da Terra não suportam o assombro de uma lógica devastadora. Ironicamente, um dos recursos mais valiosos do planeta tem como uma das origens os fósseis dos saúrios antigos (ainda que não seja a principal): o petróleo. E mais, ele também está fadado ao fim, por não ser uma fonte de energia renovável. A crise do petróleo também pode derrubar o dinossauro contemporâneo do neoliberalismo. E, então, que esperança teremos nós se forem embora nossos recursos? É aqui que entra a genialidade de Rubem Alves ao perceber a sobrevivência da lagartixa, dos miseráveis da Terra que vivem sobre os escombros da história contada pelos dominadores. Neste sentido, o pensamento alvesiano advoga a favor dos oprimidos. Além disso, pode ser incluído num diálogo pós-moderno, pois rompe a lógica da modernidade, E niilista porque quebra com os paradigmas do pensamento ocidental. É também teológico, pois vê esperança na história e tenta fazer brotar vida da terra seca. Alves é tudo isso e nada disso ao mesmo tempo. As caracterizações do seu pensamento nesses estilos e tradições são possíveis, pois seu pensamento é fraco ou, para dizer com Gianni Vattimo, o pensamento de Alves é enfraquecido.

Gostaríamos de propor aqui a tradução de *debole* do italiano por enfraquecido ao invés de fraco que geralmente é utilizado para se referir a Vattimo. Alves é um autor enfraquecido, assim como Vattimo. Eles não são fracos. O enfraquecimento diz respeito ao definhamento da lógica do progresso, à saída do baluarte metafísico, à queda do céu, à morte de Deus. Uma interpretação do pensamento de Vattimo como fraco é uma “interpretação fraca” da sua teoria. Pior ainda é dizer que sua filosofia é frágil ou débil. Aquilo que é fraco não tem sustentação, falta alicerce, tese, tradição. O pensamento de Vattimo não é nada disso. É justamente por estar dentro de uma tradição que ele pode enfraquecê-la, mas assim como não se trocam os alicerces de uma casa, também não se trocam os alicerces de uma tradição. Eles permaneceram sempre lá, ainda que em ruínas. A filosofia de Vattimo é a filosofia das ruínas. Uma filosofia que se levanta dos escombros da modernidade, ao mesmo tempo em que tenta subvertê-la. Para lembrar de Alves: talvez as filosofias dos autores aqui são aquelas que se interessam pelo pinho-de-rigo que forma originalmente a parede e não nas pinturas que o escondem.

O *pensiero debole* não dita o que é ou não é fraco, ele torna fraco aquilo que está dentro de um processo, ou melhor, aquilo que nos vêm como herança (*Überlieferung*). Enfraquecer é tornar fraco, mas enquanto ainda não vem a fraqueza, tudo está se enfraquecendo. No ensaio *Dialectica, Differenza, pensiero debole* (1983)¹ Vattimo teorizou o pensamento enfraquecido a partir das noções heideggerianas de *Verwindung* e do *Andenken*. A primeira se configura como

o esforço mais radical de se pensar o ser em termos de um “reconhecimento” que também é sempre uma “licença”, porque nem isso se encontra como estrutura estável, nem registra e aceita como necessidade lógica de um processo. *Verwindung* é o modo no qual o pensamento pensa a verdade do ser enquanto *Überlieferung* e *Ge-schick*. (VATTIMO; ROVATTI, 1983, p. 22, tradução nossa)².

Vattimo articula *Andenken* como sinônimo de *Verwindung* e designa o pensamento pós-metafísico como aquele que rememora o ser, isto é, que entende o ser como aquele

que, precisamente, não se faz mais presente, mas sempre se recorda como algo que já “foi” (é necessário “deixar ir o ser como fundamento” diz a conferência *Zeit und Sein*). O ser não se acessa na presença, mas

¹ Texto publicado no livro *Il pensiero debole* organizado por Vattimo e Pier Aldo Rovati publicado na Itália em 1983. O livro conta com textos de diversos autores.

² Do original em italiano: “lo sforzo più radicale di pensare l’essere in termini di una “presa d’atto” che è anche sempre una “presa di congedo”, perché né lo incontra come struttura stabile, né lo registra e accetta come necessità logica di un processo. *Verwindung* è il modo in cui il pensiero pensa la verità dell’essere inteso come *Ueberlieferung* e *Ge-schick*” (VATTIMO; ROVATTI, 1983, p. 22).

somente na recordação, porque (ou simplesmente: o que significa que) isto não se define mais como o que está, mas somente como o que se passa: o ser é envio, destino (VATTIMO; ROVATTI, 1983, p. 22, tradução nossa)³.

Aqui temos os traços do *pensiero debole*: *Verwindung* e *Andenken* são os processos presentes na ontologia hermenêutica de Vattimo e eles não apontam para uma superação, mas para uma dependência, como uma “longa convalescença que tem de tornar a enfrentar o vestígio indelével de sua doença” (VATTIMO, 2000, p. 91), ou ainda como uma relação “de aceitação, de continuação, de (dis-)torção” (VATTIMO, 1999, p. 81) com a metafísica. Essa relação convalescente se configura mediante a forma humana de habitar o mundo, isto é, uma forma hermenêutica. Com isso posto, não há uma imposição de outra forma metafisicamente fraca, pelo contrário, há uma distorção da própria metafísica. A *Verwindung* é expressão dessa distorção, é convalescença. É ela mesma a natureza de um pensamento enfraquecido que tem a consciência de ainda estar maculado pela doença metafísica, embora já esteja medicado. A pós-modernidade é *Verwindung*. É distorção. E, podemos afirmar, a *Verwindung* é o próprio processo de enfraquecimento. O fraco não se impõe, ele vem a nós, cabe-nos “auscultá-lo”, para dizermos heideggerianamente.

No pensamento de Gianni Vattimo, o enfraquecimento não é apenas uma opção teórico-epistemológica, mas a continuação de um processo característico da própria ideia de hermenêutica na pós-modernidade. Para o autor, a filosofia contemporânea pode ser caracterizada pela tomada do caráter interpretativo do conhecimento como pressuposto teórico fundamental. Assim, todo saber é sempre situado, localizado etc. Nas palavras de Vattimo, a hermenêutica se tornou um tipo de linguagem comum, uma *koiné*. Por um lado, é positivo que a construção filosófica descanse, ainda que parcialmente, de sua obsessão universalista. Por outro, entretanto, parece que a hermenêutica *lato sensu* não leva a sério sua intrínseca vocação niilista: ela deve se incluir nas conclusões que traz sobre o mundo. Nas palavras de Vattimo:

Se realmente não aceitamos conceber a hermenêutica como uma cômoda metateoria da universalidade do fenômeno interpretativo como uma espécie de olhar, a partir de lugar nenhum, sobre o eterno conflito ou jogo das interpretações, a alternativa (única, eu acredito) que se nos apresenta é aquela de pensar a filosofia da interpretação como o resultado de um curso de eventos (de teorias, de transformações sociais, culturais em sentido amplo e de tecnologias e de “descobertas” científicas), como conclusão de uma história que não achamos poder contar (interpretar), a não ser nos termos niilistas que encontramos pela primeira vez em Nietzsche. Se a hermenêutica fosse apenas a descoberta do *fato de que* existem perspectivas diferentes sobre o “mundo”, ou sobre o “ser”, ficaria confirmada exatamente a concepção da verdade como um espelhamento objetivo dos estados de coisas [...] (VATTIMO, 1999, p. 20-21).

Nesse ponto, podemos indicar com ainda mais clareza o espírito niilista da hermenêutica que se coloca como princípio de enfraquecimento no pensamento de Vattimo. Na medida em que a hermenêutica se reconhece como mais uma entre outras possibilidades interpretativas, ela instaura um ciclo de enfraquecimento promovido pelo próprio niilismo que a faz ser, sempre, o resultado de uma série de eventos — e não um evento originário. Assim, a hermenêutica não se poderia postular como uma teoria da universalidade, que pretendesse interpretar o mundo com vistas a estabelecer a verdade última dos fatos — isso seria da maior incoerência possível. Nessa impossibilidade se instaura a vocação niilista da hermenêutica, que faz com que essa filosofia não possa se dar senão como enfraquecimento perene.

Rubem Alves e Gianni Vattimo são autores no processo de enfraquecimento. Eles não são fracos, pois pertencem e respondem à tradição que os constitui e pensam sobre ela. Do seio da metafísica, eles fazem eco à voz de tantos outros autores para enfraquecê-la. São partícipes no processo de distorção, de *Verwindung*, de

³ Do original em italiano: “che, per l'appunto, non lo fa mai presente, bensì sempre lo ricorda come già “andato” (bisogna “lasciar andare l'essere come fondamento” dice la conferenza Zeit und Sein). All'essere non si accede nella presenza, ma solo nel ricordo, perché (o semplicemente: e ciò significa che) esso non si definisce mai come ciò che sta, ma solo come ciò che si tramanda: l'essere è envio, destinamento” (VATTIMO; ROVATTI, 1983, p. 22).

enfraquecimento. A saída da lógica do dinossauro é enfraquecimento, mas ela só pode ser operada por aqueles que são fracos diante os fortes da civilização. Aqui há uma diferença entre o enfraquecido e o fraco. Enfraquecimento é o que se dá num processo, fraco é quem opera o processo. O pensamento é enfraquecido, assim, a verdade não pode ser fraca, pois ela depende do pensamento. Também a lei, a justiça, a ética, a moral, a religião e outros não podem ser fracos, esses componentes pertencem à tradição. Nós podemos apenas enfraquecê-los por uma filosofia enfraquecida. Mas o que é, então, fraco? Fracos são aqueles que vivendo em condições divergentes dos poderosos, dos colonizadores, dos capitalistas, habitam o mundo. Nós somos os fracos, as lagartixas, e o pensamento nos pertence, pois nós operamos o enfraquecimento. Enfraquecer é trazer para nós o ser, é historicizar o ser, é falar do ser no seu acontecimento, é reduzi-lo à linguagem. Enfraquecer é habitar o mundo hermenêuticamente e convertê-lo politicamente.

2) Alves e Vattimo: variações políticas do cristianismo

Rubem Alves chama nossa atenção para a escassez dos recursos naturais. Recursos que garantem a subsistência do ser humano, mas que administrados por uma lógica de consumo trazem também crises e rupturas. Enquanto uns abusam dos recursos disponíveis promovendo o “avanço” tecnocientífico gerando gastos de energia pavorosos, outros tantos vivem sob condições miseráveis sem ao menos terem luz elétrica em suas residências. Enquanto um dos homens mais ricos do mundo vai ao espaço em plena pandemia de COVID-19⁴, outros tantos morrem à custa de um passeio em nave espacial. Essa realidade produz pobreza e sofrimento. Até onde for possível, os dinossauros se sentarão sobre os mais indefesos. Num paralelo próximo a isso, Rubem Alves destaca:

Uns morrem de fome enquanto outros morrem de comer. Alguns não podem produzir alimentos por falta de adubos, enquanto outros jogam golfe em belíssimos gramados, cultivados com o adubo que faltava aos primeiros. Dois terços da população do mundo padecem de subnutrição, enquanto se gasta prodigiosamente em armas. [...] O fato é que as vantagens parecem ficar com os ricos e as desgraças com os pobres. (ALVES, 1986, p. 29).

Pensar alvesianamente é pensar contra a lógica do progresso a todo o custo. É pensar a política a partir dos corpos fracos. A política em Rubem Alves começa com os fracos e deve para eles ser orientada, é uma política do *comum*, tal como pensada por Dardot e Laval (2017). A questão aqui é pensar como esse outro modo de fazer política pode ser efetivado na prática. Alves e Vattimo lançam luzes para nós tentarmos vislumbrar algumas possibilidades que, de todo modo, não são respostas definitivas, mas variações contra a lógica do sistema dominante do capital.

Em *Comunismo hermenêutico: de Heidegger a Marx* (2012) escrito em coautoria com Santiago Zabala, Vattimo afirma a necessidade de uma política que seja feita a partir dos fracos. Tal política está orientada não contra os fortes, mas contra os poderosos (os verdadeiros adversários dos fracos). Quem são os poderosos?

[São] os vencedores da história [...] para quem a política se converteu na culminação do ideal liberal de objetividade da ciência. Esses vencedores se consideram a si mesmos os portadores não apenas do conhecimento “verdadeiro”, mas também dos “justos” procedimentos democráticos, sistemas econômicos e guerras humanitárias que, na realidade, são guerras contra os fracos. (VATTIMO; ZABALA, 2012, p. 18).

Observa-se que na compreensão de Vattimo e Zabala, os poderosos são aqueles que possuem em suas mãos o capital suficiente para ditar o percurso da história e contar a história dos vencedores desde a ótica do “justo” e do “verdadeiro” assumindo a prerrogativa da objetividade científica. Quando Jeff Bezos vai ao espaço,

⁴ <https://www.brasildefato.com.br/2021/07/20/superexploracao-e-impostos-zerados-quem-e-jeff-bezos-o-bilionario-que-foi-passear-no-espaco>

discursa afirmando que a conquista espacial (e, quiçá, a “guerra fria dos bilionários”) contribui para o avanço da humanidade e a sua sobrevivência futura. Mas de que humanidade falam os bilionários enquanto milhões de pessoas ainda sofrem com a miséria e a fome? É necessário se levantar uma outra política que se posicione frente aos interesses do capital, uma política que resgate os ideais socialistas na contemporaneidade como espectro e não como uma descrição da realidade. É isso que faz Vattimo e Zabala, porém eles não querem desenvolver a experiência soviética com padrões de imposição de um sistema normativo, tampouco buscam o hibridismo presente no Partido Comunista Chinês. Os autores olham para a América Latina como o local primordial da transformação política no século XXI, pois é aqui que outras experiências socialistas foram testadas e deram frutos, uma vez que seguiram, cada país a seu modo, um caminho democrático para essa mudança e “estão decididos a defender os interesses de seus cidadãos mais fracos” (VATTIMO; ZABALA, 2012, p. 16, tradução nossa)⁵. Conforme os autores afirmam: “[os] políticos latino-americanos representam uma alternativa ao capitalismo e uma defesa eficaz dos mais fracos que nenhum Estado capitalista pode igualar” (VATTIMO; ZABALA, 2012, p. 17, tradução nossa)⁶. Aqui surge a motivação para um sistema político que enfrente o sistema vigente do capitalismo imperial e apareça como uma oportunidade. A ideia de socialismo é apenas uma motivação e não um programa de governo (VATTIMO; ZABALA, 2012).

Vattimo e Zabala chamam isso de comunismo hermenêutico, uma proposta que tenta conciliar dois conceitos que aparecem como opostos na história do pensamento ocidental: o comunismo e a hermenêutica. Eles advogam para isso, pois compreendem que ambas as posições teóricas têm propostas muito próximas. Ambas buscam a saída de um mundo pautado pelas imposições metafísicas, seja do lado das narrativas, seja do lado da força capitalista. Para os autores, a tarefa do comunismo é proporcionar a debilidade social e econômica do sistema imperialista e promover essa debilidade a partir dos fracos, já a hermenêutica é a debilidade teórica que pensa uma abertura à pluralidade na qual a realidade não é tomada como fato objetivo, mas como produto histórico. Assim, a hermenêutica leva a cabo a famigerada proposição nietzschiana repercutida por Vattimo: “não existem fatos, apenas interpretações”. Interpretações são elucubrações históricas que estão circunscritas em épocas e espaços geográficos e compartilham sua validade dentro da “comunidade dos intérpretes”. Deste modo,

o que denominamos “mundo” é produto não somente da interpretação, mas também da história; é o resultado dos processos interpretativos dos outros. O mesmo ocorre com o sujeito que não é algo primordial ou originário, assim também não é o mundo, que sempre está dado como produto de outras interpretações. (VATTIMO; ZABALA, 2012, p. 142).

É interessante notar que na obra de 1994, intitulada *Para além da interpretação* publicada no Brasil em 1999, Vattimo já dá o tom político da sua hermenêutica no primeiro capítulo quando afirma: “até agora os filósofos acreditaram em descrever o mundo, é chegada o momento de interpretá-lo” (VATTIMO, 1999, p. 27). Mais do que uma paráfrase ou uma inversão de Marx, Vattimo aplica a radicalidade do seu pensamento nessa afirmação. É preciso ter noção da consciência histórica para interpretar o mundo de tal forma que ele se transforme. Claro que Vattimo está pensando como Heidegger que já havia exposto essa consideração em seu texto *A tese de Kant sobre o ser* (1961), no entanto, Vattimo dá um tom político a essa posição, uma vez que toda a sua formulação filosófica é um pensamento político. Assim, ele faz com Heidegger o que, talvez, o filósofo alemão não aceitaria e muito menos desenvolveria.

A intrincada relação entre interpretação e política, no pensamento de Vattimo, não nos parece ser uma novidade: ela está posta como pano de fundo desde *Dialettica, differenza, pensiero debole* (1983), texto programático em que o autor lança as bases de sua filosofia. Assim, a interpretação do mundo não é uma atitude

⁵ Original em espanhol: “los cuales están decididos a defender los intereses de sus ciudadanos más débiles” (VATTIMO, ZABALA, 2011, p. 16)

⁶ Original em espanhol: “[los] otros políticos latinoamericanos representan una alternativa al capitalismo y una defensa eficaz de los más débiles que ningún Estado capitalista puede igualar” (VATTIMO; ZABALA, 2012, p. 17).

contrária à sua modificação, proposta por Marx, mas é um outro modo, não descritivo, de fazê-lo. Essa ligação não passa desperçada por comentadores da filosofia vattimiana. Erik Meganck afirma que, no pensamento de Vattimo, “quando a hermenêutica abarca o enfraquecimento como seu destino niilista, ela requer imediatamente comprometimento. Esse é o apelo da *pietas*. O pensamento fraco não se orienta apenas no passado, mas também no futuro”⁷ (MEGANCK, 2011, p. 149). Aqui fica claro que a hermenêutica de Vattimo, por ser niilista, implica um comprometimento ético-político também com os fracos. Vicente de Paula Ferreira indica algo parecido em sua leitura do autor. Para este comentador, isso se manifesta na escolha de Vattimo pela amizade em vez da verdade. Diz Ferreira que essa opção não se dá por outro motivo, senão pela hermenêutica e seu acento niilista. Por isso, afirma: “o pensamento de Vattimo, nesse sentido, parece ser uma defesa epistemológica e pragmática de que onde existe pobreza imposta, existe violência e, portanto, atitudes arrogantes de pessoas ou grupos” (FERREIRA, 2013, p. 212). Nesse ponto, o fundamento enfraquecido da prática política solidária, caridosa e crítica é o niilismo promovido por sua hermenêutica: é por meio, mas para além, da interpretação que essa política se instaura. Já nos ficou claro que, para Vattimo e Zabala, o projeto da hermenêutica e do comunismo visam o mesmo intuito: a emancipação dos menos favorecidos. Esse intuito já está fundado naquilo que Vattimo desenvolve e denomina por *pensiero debole*, o pensamento enfraquecido que corrói a metafísica por dentro e se apresenta como estágio de convalesça do pensamento metafísico na pós-modernidade. A lógica de operação do *pensiero debole* não é a lógica dos poderosos do império capitalista, pelo contrário, a lógica do enfraquecimento parte dos fracos que se erguem contra o sistema do capital e podem promover uma experiência política que corresponda à necessidade de suas comunidades e que não se rendam às imposições e embargos dos governos capitalistas. Aqui Vattimo e Zabala pensam sobre a experiência dos países do oriente médio no qual há uma imposição de uma forma de governo supostamente democrática, mas que na realidade é um disfarce imperialista dos EUA. A esse efeito os autores chamam de “democracia emoldurada” e que pode ser entendida como uma democracia imposta aos países que a lógica imperial deseja dominar, no fundo ela é a continuação do imperialismo em título mais suavizado, no entanto os danos continuam os mesmos já que não há uma emancipação efetiva do povo construída pelo próprio povo. São os dinossauros se debruçando sobre a vida dos mais indefesos. Essa forma de democracia se ergue com o “ideal liberal da ciência de uma objetividade capaz de evitar alterações, sacudidas e rupturas” (VATTIMO; ZABALA, 2012, p. 70) e é a expressão máxima das democracias liberais defendidas por Fukuyama na tese sobre o fim da história.

Os filósofos sustentam que essa forma de democracia tem criado nas capitais do mundo ocidental e nos países de terceiro mundo aqueles que não fazem parte do projeto do fim da história, pois se encontram fora da história. Esses são os alvos da guerra contemporânea, são “aquelas ‘partes inúteis’ que, em grande medida, são os cidadãos fracos, pobres e oprimidos. [...] os fracos não possuem uma história diferente, mas existem à margem da história” (VATTIMO; ZABALA, 2012, p. 75). Eles são capazes de ter uma voz dissonante de toda ordem pregada pelo liberalismo que se propõe a todo custo conservar a vigência do que está aí. A vigência da objetividade, do ideal de progresso e das filosofias absolutas corroboram e sustentam o “emolduramento”; em termos heideggerianos, a *Ge-Stell* do mundo contemporâneo. A saída desse modelo político-filosófico está numa outra interpretação da realidade que advém da experiência dos fracos e que não se prende nas imposições metafísicas dos vencedores, por isso, a hermenêutica se faz importante e há nela uma motivação emancipatória que abre o pensamento à pluralidade. Assim, a hermenêutica deve ser a chave da política contemporânea, já que é ela mesma a *koiné* da pós-modernidade. A radicalização niilista da hermenêutica de Vattimo é uma radicalização política.

Talvez Rubem Alves estivesse de acordo com a proposta de Vattimo e Zabala. Foi na década de 1960 que o teólogo elaborou suas primeiras reflexões políticas em importantes trabalhos acadêmicos de sua juventude. O

⁷ No original, “When hermeneutics embraces weakening as its nihilist destiny, it immediately asks for commitment. This is the appeal inside *pietas*. Weak thought isn’t just oriented toward the past, but also toward the future”.

primeiro é sua dissertação de mestrado denominada *A theological interpretation of the meaning of the revolution in Brazil (Uma interpretação teológica do significado da revolução no Brasil)*, defendida em 1964 no Union Theological Seminary, em Nova Iorque e o segundo é sua tese doutoral publicada no Brasil com o título *Da Esperança*. Outro texto importante que carrega as marcas políticas da teologia alvesiana é o já apresentado *A gestação do futuro*, que também põe uma marca divisória entre o Rubem Alves acadêmico e o Rubem Alves teólogo/poeta. Na dissertação, pode-se observar que Alves ainda está encantado com a ideia presente no seu artigo *A Igreja no mundo* (1962) e opera uma teologia que considera que “ao se aproximar do mundo, a Igreja não poderia abandonar a sua missão redentora, e nem deveria ficar em uma transcendência que abandonasse o mundo e os problemas humanos nele presentes” (VIDAL, 2019, p. 87). O cristianismo possível deve ser um cristianismo político.

Na sua dissertação de mestrado, Alves apresenta o conceito importado da biologia de “vida reflexa” com o qual entende que uma vida pode ser vivida sem um “para si”, sem um significante que a determine e lhe dê esperança. A vida reflexa é condição da existência neoliberal que impossibilita uma subjetividade autêntica, já que ela impõe sua ideologia de forma arbitrária. Para Alves, essa ideologia estava sendo imposta no Brasil na década de 60 por meio dos poderes econômicos internacionais. Ele observou que a vida reflexa se fazia presente não apenas na economia, mas também na política e na ideologia. Atualmente seu pensamento não está desatualizado e é, inclusive, a tese de Vattimo e Zabala em *Comunismo Hermenêutico* quando observam as malhas do poder econômico estendidas sobre os países do Oriente Médio e da América Latina. Essas malhas são tecidas pelos poderosos centros econômicos como a OCDE e o FMI.

O impacto da vida reflexa na ideologia é o que ocasionou em sua dissertação de mestrado a intenção de que esse modo de vida estagnou toda a possibilidade de uma ideologia conjunta como ideal revolucionário do povo. Aqui entra a religião como espaço de libertação, já que ela pode agregar ideais revolucionários com sua característica profética que anuncia uma esperança ao mundo. Cria-se uma relação dialética entre Igreja e Revolução, qual coloca o cristianismo em marcha constante de um anúncio transformador. A Igreja ouve a voz de Deus e grita a voz de Deus por meio dos oprimidos. No entanto, para isso, é preciso subverter a Igreja como detentora do *status quo* (VIDAL, 2019) e pensar um cristianismo não religioso que nada tem de relação com o poder e as forças dominantes da idolatria. Em sua dissertação, Alves une a Igreja com o marxismo, pois enxerga na teoria comunista uma proposta de emancipação, tal como faz Vattimo. No entanto, talvez devêssemos ser ainda mais radicais aqui e seguir Vattimo, bem como um Rubem Alves mais maduro, para abandonarmos o significante de “Igreja” e permanecermos apenas com a mensagem do Evangelho. O cristianismo sim pode se juntar às motivações marxistas e gerar uma ideologia política nova. Um cristianismo político de libertação!

Vattimo certamente concordaria e poderia ajudar a avançar a questão quando pensamos num cristianismo sem instituição. A proposta ética do cristianismo não religioso de Vattimo nos condiciona para uma ética revolucionária e libertadora das amarras metafísicas da ideologia presente na instituição. Com Vattimo e Alves podemos pensar numa cristologia do enfraquecimento que compreende o sentido histórico e político da ação divina que fala por meio dos homens e mulheres como esperança, para Rubem Alves, e como projeto, para Gianni Vattimo.

3) A esperança enfraquecida

Ao pensarmos nas propostas teofilosóficas de Alves e Vattimo, podemos perceber como, cada uma a seu modo, apresenta uma espécie de saída para a situação desfavorável em que se encontra o mundo sob o poder do capital. Nessas leituras, o cristianismo aparece não mais como fonte de violência, mas como mensagem de emancipação. A partir dessa convergência entre os autores, buscamos agora apresentar um diálogo com eles, propondo que a mensagem cristã pode oferecer uma esperança enfraquecida como alternativa à lógica jurássico-metafísica que esmaga certas vidas em nome do luxo de outras.

Em sua tese de doutorado, Alves se aproxima do tema da esperança a partir da perspectiva de que ela é central para o cristianismo. Por isso, sua obra foi, no momento de publicação, intitulada como *A Theology of Human Hope*. A esperança ganha espaço nesse momento porque ela surge como resposta à questão de uma nova linguagem teológica que seja mais apropriada para comunicar os desejos existenciais do ser humano e organizar o mundo a partir desses desejos. A linguagem teológica, para Alves, deve se adaptar ao mundo em que ela está inserida: “velhas linguagens perecem ao se tornarem congeladas enquanto o mundo segue adiante. Quando isso acontece, elas deixam de ser instrumento de libertação e se transformam em estruturas repressivas. O novo é abortado em favor do velho” (ALVES, 1987, p. 122). Em outras palavras, a cristalização da linguagem teológica implica um dogmatismo que lhe afasta da boa-nova de libertação e esperança. Por isso, uma nova linguagem seria necessária: não apenas um novo modo de falar, mas novas estruturas que digam respeito à libertação que Deus quer promover no mundo.

A esperança em Rubem Alves não seria apenas um sentimento intuitivo do ser humano, algo que se possa nutrir, perder ou controlar. Mais do que isso, a esperança faz parte da própria constituição de nosso modo de habitar o mundo — pensá-lo e construí-lo. Diz Alves que “a transcendência do homem está relacionada à sua liberdade para pensar e se comportar respondendo a um futuro que ‘ainda não’ existe, exceto sob a forma de uma esperança” (ALVES, 1987, p. 105). A ideia de esperança, portanto, corresponde à antecipação de uma realidade vindoura que, por ora, se dá somente por meio da imaginação esperançosa. Essa esperança, em Alves, está diretamente relacionada à capacidade de abertura ao novo, que caracteriza ontologicamente o ser humano. Essa antropologia, empreendida por Alves, não faz com que a esperança seja um tipo de positividade metafísica, isto é, uma força que garante certo futuro. Antes, ela implica uma abertura histórica, isto é, imanente do ser humano à novidade. Por isso, é um tipo de transcendência na imanência: “nunca a esperança sem história, nem a história sem esperança” (ALVES, 1987, p. 151).

A linguagem proposta por Alves, então, é a de um humanismo messiânico: ela não se prende a um otimismo histórico que é típico de uma visão tecnologicista da humanidade. Nesta, a técnica e sua tecnologia seriam um caminho seguro para o bem-estar humano e, assim, assegurariam um futuro glorioso em um mundo totalmente dominado e absolutamente controlado pela ciência. Entretanto, a lógica jurássica de dominação não se demonstra aberta a um futuro, mas se propõe à mera repetição do presente, justamente porque não admite a entrada de nenhuma novidade qualitativamente diferente do que já está dado no sistema capital no qual a ciência se constitui. Por isso, o primeiro passo de uma nova linguagem libertadora é a negação do presente:

O presente é negado porque o homem, vivendo nele, apreende tudo aquilo que cria a dor, o sofrimento, a injustiça e a ausência de futuro da história. Devido ao presente ser historicamente doloroso e, portanto, desumanizante, ele tem de ser negado. A esperança não se deriva de uma ideia a-histórica a respeito de uma sociedade perfeita; ela constitui, ao contrário, a forma positiva assumida pela negação do presente inumano e negativo (ALVES, 1987, p. 59)

Se o presente sistema não corresponde historicamente aos anseios humanos, a mensagem cristã de esperança deve servir a esse propósito, e isso se dá a partir de uma nova linguagem. E mais, como salientam Almeida e Cabral (2023a), esses anseios são concretos, e não fruto de um conceito abstrato de sofrimento. Os corpos que são oprimidos pelo presente (corpos negros, LGBTQIA+, mulheres, imigrantes etc.) são os que negam categoricamente o sistema – e são eles, também, os que clamam a esperança. Por isso, Alves se volta, nesse ponto, à linguagem bíblica sublinhando seu caráter histórico:

a linguagem bíblica a respeito de Deus, portanto, não se descreve uma ontologia ou uma metafísica. Ela se refere ao que ocorreu, ocorre e poderá ocorrer na história. [...] É uma linguagem que enuncia aquilo que é possível na história, da perspectiva da experiência política da comunidade com o poder da eficácia “apesar de” (ALVES, 1987, p. 140).

A ideia de que, mais importante do que Deus é, é saber o que Deus faz se relaciona diretamente com a questão: para além das definições onto-teo-lógicas, a concretude da história e da ação divina no mundo é a base para a linguagem teológica da esperança. Essa linguagem, diz Alves, não é de todo positiva: ela se constitui a partir da negação do presente estado de coisas e do sistema. Por isso, o poder dessa linguagem se coloca no “apesar de”. Alves explica isso com mais clareza no prefácio escrito anos depois: “Não, Deus não é um substantivo. É esta estranha conjunção, *todavia*, que enuncia a absurda ligação entre a morte que se anuncia e a vida que brota, a despeito de tudo” (ALVES, 1987, p. 34). Deus se constitui, portanto, como uma conjunção adversativa: a negação de que a oração anterior seja tudo o que há para ser dito. Apesar das figueiras não florescerem, eu me alegrarei. Para o autor, Deus é a teimosia da esperança.

É nesse sentido que interpretamos o conceito de esperança em Alves como um conceito enfraquecido. Ainda que ele dependa de uma transcendência que faria irromper o novo na história⁸, ele não recorre a uma metafísica (forte, por assim dizer) para impor uma esperança. Antes, Alves recorre à própria fragmentação das narrativas históricas para apontar a esperança como centro da mensagem cristã. O fundamento da esperança, nesse sentido, não é intervenção divina prometida, mas a narração do poder libertador nos eventos passados. Por isso, “Deus é o nome que se dá à presença do futuro. Ele é a liberdade na história, que faz transcender sua forma presente em direção a uma possibilidade de libertação humana” (ALVES, 1987, p. 145). Aqui, é importante notarmos que Deus não é a garantia da libertação, mas uma abertura, uma fenda no sistema que se torna condição de possibilidade para a esperança.

Almeida e Cabral (2023b) concordam com essa perspectiva, apontando a centralidade da ideia de esperança no pensamento de Rubem Alves. Os comentadores avaliam que Alves é um “flautista da esperança” que compreende que o futuro surge das mãos e da imaginação daqueles e daquelas que não possuem um presente capaz de suprir seus desejos. “Então, de onde pode nascer o futuro? Para Rubem, ele só poderá advir dos corpos que sofrem. Das entranhas dos sofredores nasce e se alimenta a comunidade da esperança” (ALMEIDA; CABRAL, 2023b, p. 100). Com essa mesma perspectiva, Leslie R. James aponta a esperança, no pensamento de Alves, como prática e não apenas como sentimento: “A esperança transcende o confinamento acadêmico [...]. Desse modo, a esperança torna-se dialógica, assim como histórica, comum a todas as culturas, e escatológica. A esperança torna-se um processo popular como um verdadeiro processo potencial libertário” (JAMES, 2007, p. 163-164).

Essa perspectiva se alinha com a crítica de Vattimo à metafísica, como apresentamos acima. Para o filósofo italiano, “em muitos sentidos, a dor é a essência mesma da metafísica, que não há metafísica a não ser a metafísica da dor”⁹ (VATTIMO, 2005, p. 71). Aqui, o sistema técnico-científico, ou a lógica do dinossauro, se coloca como uma lógica metafísica: na medida em que pretende dominar o mundo totalitariamente, ela causa dores a todos aqueles que não podem se adequar aos seus ideais. São esses os corpos que sofrem as dores da metafísica. Mas ela não se dá sem falhas, sem lacunas. Diz-nos Vattimo: “A ‘falha’ na metafísica, vista de uma perspectiva heideggeriana, está na ideia de que, na base das coisas há uma ordem estável, uma estrutura necessária, eterna e, consequentemente, racional, a qual nossa tarefa é conhecer e adotar como norma”¹⁰ (VATTIMO, 2005, p. 74). Do ponto de vista da teologia alvesiana, a falha da metafísica é apontada pela própria presença messiânica de Deus: é Ele quem causa a abertura do sistema ao novo que pode vir, é Ele a teimosia da esperança que afirma que a dor da metafísica não é inexorável. Nesse sentido, Deus não afirma o fim da metafísica, mas aponta para a além dela: eis a esperança enfraquecida.

⁸ Sobre esse assunto, recomendamos a crítica de Alves feita por Catenaci (2021) e uma reconsideração da questão feita por Almeida e Cabral (2023).

⁹ No original, “in many respects pain is the very essence of metaphysics, that there is no metaphysics except the metaphysics of pain”.

¹⁰ No original, “The ‘flaw’ in metaphysics seen from a heideggerian perspective is the idea that, at the basis of things, there is a stable order, a structure necessary, eternal, and hence rational, which it is our task to gain knowledge of and adopt as a norm [...]”.

Considerações finais

No presente artigo, buscamos considerar as convergências e as possibilidades hermenêuticas de um diálogo entre Gianni Vattimo e Rubem Alves, considerando tanto a crítica teológica à lógica desenvolvimentista, levada a cabo por um tecnicismo neoliberal, quanto a crítica epistemológica ao conhecimento de base metafísica que, por sua vez, impõe a objetividade como modo único de interpretação do mundo, constituindo um princípio “forte”, ou jurássico, de construção de mundo. A partir dessa ideia, apontamos um tipo de cristologia do enfraquecimento que reaproxima o cristianismo de sua vocação política e aponta um dever ético minoritário como fundamento teológico dessa vocação. Por fim, procuramos articular uma ideia de esperança enfraquecida como interpretação do plano de fundo a partir do qual se instaura o dever cristão de uma política comprometida com os empobrecidos – para os quais a esperança serve como linguagem teológica.

Não foi nosso interesse, aqui, apontar que Vattimo e Alves, pensadores que partem de bases tão diferentes, convergem em todo seu pensamento, nem mesmo demonstrar uma homogeneidade entre os autores. Buscamos, na verdade, sublinhar como certas aproximações contribuem para indicar uma importante leitura acerca da ideia de esperança, bem como a função deste conceito diante do domínio da ampla relação entre cristianismo e política. Dessa forma, mais do que um quadro comparativo, indicamos como a leitura conjunta de Alves e Vattimo gera novos sentidos que não são possíveis na leitura isolada de cada um dos autores em seus campos mentais e semânticos. Aqui, a possibilidade de traçar um diálogo impossível se revela como chance de novas propostas para o entendimento do lugar político do cristianismo no mundo. A partir desse ponto, interpretamos a ideia de esperança enfraquecida como contribuição à teologia política: a esperança cristã, em um mundo de lógica do dinossauro, é mais do que uma abstrata espera da irrupção do novo. A esperança enfraquecida nos apresenta que o desejo imaginativo-religioso do ser humano brota nos/dos corpos empobrecidos pelo sistema. E mais: é nesses corpos, pequenos como lagartixas, que a redenção se faz possível. Diante do progressivo domínio totalitário do ser humano sobre o ser humano, a esperança cristã enfraquecida afirma a possibilidade do novo, que surge daqueles que são diariamente esvaziados pela injustiça.

Referências

- ALMEIDA, Edson Fernando de; CABRAL, Alexandre Marques. Corpotência e mística trans-imanente: elementos para uma teoria da religião em Rubem Alves. *Reflexão*, v. 48, p.1-18, 2023a.
- ALMEIDA, Edson Fernando de; CABRAL, Alexandre Marques. *Caminhos para compreender Rubem Alves*. São Paulo: Editora Recriar, 2023.
- ALVES, Rubem. *A gestação do futuro*. 2.ed. Campinas: Papirus, 1986.
- ALVES, Rubem. *Uma interpretação teológica do significado da revolução no Brasil – 1963*, Vitória: IFTAV/Unisaes, 2004.
- ALVES, Rubem. *Da Esperança*. Trad. de João-Francisco Duarte Jr. Campinas: Papirus, 1987.
- CATENACI, Giovanni F. *A tristeza de crer*. Uma teoria da religião em Rubem Alves. São Paulo: Editora Recriar, 2021.
- FERREIRA, Vicente de Paula. *Cristianismo não religioso no pensamento de Gianni Vattimo*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2015.
- JAMES, Leslie R. Rubem Alves e a teologia da libertação ecumênica: a esperança e a busca de uma nova humanidade. In: VIDAL, A. (org.) *O que eles pensam de Rubem Alves e de seu humanismo na religião, na educação e na poesia*. São Paulo: Paulus, 2007, p. 155-171).

MEGANK, Erik. *From veritas to caritas*. A critical Reading of Gianni Vattimo's nihilism. 2011. 294f. Tese (Doutorado) – Doutorado em Filosofia, University of Antwerp. Antwerp, Belgium, 2007.

ROVATTI, Pier Aldo; VATTIMO, Gianni. *Il pensiero debole*. Milano: Feltrinelli, 1983.

VATTIMO, Gianni. *Para Além Da Interpretação: o Significado Da Hermenêutica Para A Filosofia*. Tempo Brasileiro, 1999.

VATTIMO, Gianni. O vestígio do vestígio. In: DERRIDA, Jacques; VATTIMO, Gianni. *A Religião*. O Seminário de Capri. São Paulo: Estação Liberdade, 2000, p. 91-107.

VATTIMO, Gianni. Pain and Metaphysics. In: *Nihilism and Emancipation: Ethics, politics & Law*. New York: Columbia University Press, 2005, p.71-80.

VATTIMO, Gianni; ZABALA, Santiago. *Comunismo hermenêutico: de Heidegger a Marx*. Barcelona: Herder Editorial, 2012.

VATTIMO, Gianni. Dialettica, differenza, pensiero debole. In: VATTIMO, G.; ROVATTI, P. (org.) *Il pensiero debole*. Milano: Feltrinelli, 1983.

VIDAL, Antonio. A religião e a política no pensamento de Rubem Alves. *Numen*, v. 22, n. 2, 2019, p. 85-94.

Editor responsável: Waldir Souza

RECEBIDO: 25/01/2025
APROVADO: 12/04/2025
PUBLICADO: 30/04/2025

RECEIVED: 01/25/2025
APPROVED: 04/12/2025
PUBLISHED: 04/30/2025